

## Editorial

## Questão Social, Lutas Sociais e Serviço Social

### *Social Issue, Social Struggles and Social Service*

Ana Cláudia de Jesus Barreto  
Universidade Federal Fluminense

***“Exu<sup>1</sup> matou um pássaro ontem, com uma pedra que só jogou hoje”<sup>2</sup>***

O dossiê temático: Questão Social, Lutas Sociais e Serviço Social reúne um conjunto de artigos que discutem o cenário atual da sociedade brasileira, mas que tem uma conexão com o movimento mundial das outras sociedades nacionais, portanto, vinculado ao esquema da produção de mercadorias no sistema capitalista. Nada está fora, todos/as/es estamos mergulhados/as/es numa crise sistêmica do capital que foi agravada com a crise sanitária da COVID-19. A economia se estilhaçou, como diz o velho e bom Marx<sup>3</sup> “tudo que é sólido desmancha no ar” (MARX; ENGELS, 1974, s.p). Contudo, o fato de o capital ter produzido menos e conseqüentemente teve menos lucro, o sistema capitalista não evaporou, continua em pé e lançando seus tentáculos em direção ao aprofundamento da barbarização da vida, da violência contra os corpos negros e LGBTQIAPN+, do aumento da fome, da destruição do meio ambiente, dos povos originários e quilombolas, da precarização do cotidiano da população periférica, constituída em sua maioria por mulheres e homens negros e tudo isso não começou hoje.

No Brasil, em 2016 sofremos o golpe com a saída da Presidenta Dilma Rouseff, que foi alinhavado nos bastidores do Congresso Nacional e do Senado Federal, por vários setores da política direitista brasileira, representados sobretudo pelos latifundiários, banqueiros, oligopolistas e evangélicos neopentecostais. A partir de então, Michel Temer assume a presidência do país, alinhado ao projeto de destruição dos direitos trabalhistas e da contenção e limites dos gastos nas áreas: do social, da educação e da saúde. Afectando em cheio a classe trabalhadora, que não podemos perder de vista, que possui gênero e cor, ou seja, em meio à crise do lucro do capital, a saída é espoliar, violentar,

---

<sup>1</sup> É um orixá da comunicação e da linguagem, age como mensageiro entre os seres humanos e as divindades.

<sup>2</sup> Ditado iorubá.

<sup>3</sup> Marx, Karl; Engels, Friedrich. Manifesto do Partido Comunista, 1974.

massacrar cada vez mais a classe-que-vive-do-trabalho, nos termos de Antunes, que é constituída em sua maioria pela população negra, que historicamente foi posta no lugar de servir a classe burguesa e seus extratos.

No ano de 2018, Jair Messias Bolsonaro foi eleito para Presidente do Brasil à base do ódio, de racismo, de homofobia, de misoginia, de armamento do “cidadão de bem”, com promessas de destruição dos territórios indígenas e quilombolas – “nem um centímetro a mais para terras indígenas”, disse Bolsonaro, na condição de pré-candidato à Presidência da República, em Dourados-MS. Acrescido a tudo isso, foi construída a ideia da criminalização do Partidos dos Trabalhadores (PT), nas pessoas da Dilma e do Lula, com a ajuda da Lava-Jato. É o contraponto da promessa que seu governo acabaria com “mamata” e a corrupção no país.

Com a vitória nas urnas, deu-se início o pior governo da história do Brasil, desde a democratização. As expressões da questão social brasileira aprofundaram-se. O avanço da extrema-direita proporcionou que uma fração de classe mostrasse o quanto é e sempre foi conservadora e que odeia direitos sociais e projetos emancipatórios na direção da população mais pobre e que é negra. Vemos o crescimento de células nazistas, o que representa um modelo de sociedade que não cabe todos/as/es. Será o fim? Creio que não, mas é um movimento autorizado e reatualizado pelo capital. Que para retomar o seu crescimento destrói a democracia, mesmo que ainda não vivamos numa democracia real. Mesmo não sendo, traz benefícios para uma parcela e prejuízo para aqueles que vivem de explorar a classe-que-vive-do-trabalho e que, por isso e para isso, governos populistas devem ser criminalizados e odiados, até mesmo por aqueles/as que tiveram suas necessidades sociais atendidas.

Diante da barbarização da vida, do esgarçamento dos princípios democráticos, que trazem respiro à vida em meio ao caos, as lutas sociais estão em movimento (periferia, indígenas, quilombolas, ribeirinhos, pescadores, catadores), vozes que se levantam mesmo cansadas e algumas vezes desesperançosas, estão resistindo, lançando pedra todos os dias contra a ofensiva ultra neoliberal que está posta desde ontem. Os coletivos se defendem, se protegem, pois não há saída sem o aquilombamento, como afirma Conceição Evaristo, “eles combinaram de nos matar, mas nós combinamos de não morrer”. E que por isso, as mulheres negras e periféricas estão defendendo todos os dias o direito à vida em suas múltiplas expressões. A revolução virá da periferia? Não sei, mas sei que é a periferia que neste momento resiste contra todas as formas de extermínio impostas pelo Estado opressor e violador de direitos humanos. Sendo desumano ratifica a sua face desonesta, com ar de solidário aos vulneráveis, que estão na

mira da sua bala, que é comprada com dinheiro público e assim impõe o seu projeto de aliado ao capital e seus correntistas, de eliminação dos indesejados desde ontem.

Os profissionais de Serviço Social precisam estar conectados com esse movimento da sociedade brasileira, sem perder de vista as lutas de classe, a partir da interseccionalidade, pois a classe em si não explica as desigualdades e disparidades sociais, é preciso um olhar voltado também para as categorias de gênero e raça. Pois, o racismo é a base fundante das expressões da questão social brasileira e a mulher negra é mais violada em seus direitos. É tempo de revisitar os princípios fundamentais do Código de Ética, Lei n. 8662/1993 de regulamentação da profissão, postos desde ontem, para no agora reafirmá-los em face de todo e qualquer processo antidemocrático, que fira a liberdade ou que impeça a consolidação da cidadania, o que mata dezenas de milhares todos os dias nesse país. Desta forma, reatualizará a luta a favor da equidade e justiça social e empenho na eliminação de todas as formas de preconceito e respeito a diversidade, o que supõe também que os corpos dos sujeitos que vivem, mas também resistem a tais preconceitos – especialmente, as mulheres negras – adquiram destaque no debate em torno da questão social, das formas de resistência e rebeldia a ela e do próprio Serviço Social.